



Dr. Joaquim Isidro dos Reis

Distinto advogado e deputado catholico por Thomar.

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias*—Um anno, 4\$800.

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador, acresce o importe das despesas.

*Extrangeiro* — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 275

Braga, 5 de outubro de 1918

Anno VI

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (patturas textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

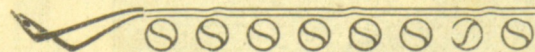
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Vantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doenca, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 por cento nas farmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reteredero jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



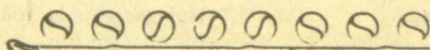
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

### BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria.

Vago

## Colégio Académico

GUIMARÃES

**Campo da Misericórdia**

A casa de educação e ensino mais  
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e  
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

*Dr. Alfredo Peixoto*

*Luiz Gonzaga Pereira*

*F.ª José Maria dos Santos*

Vago



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Veloso

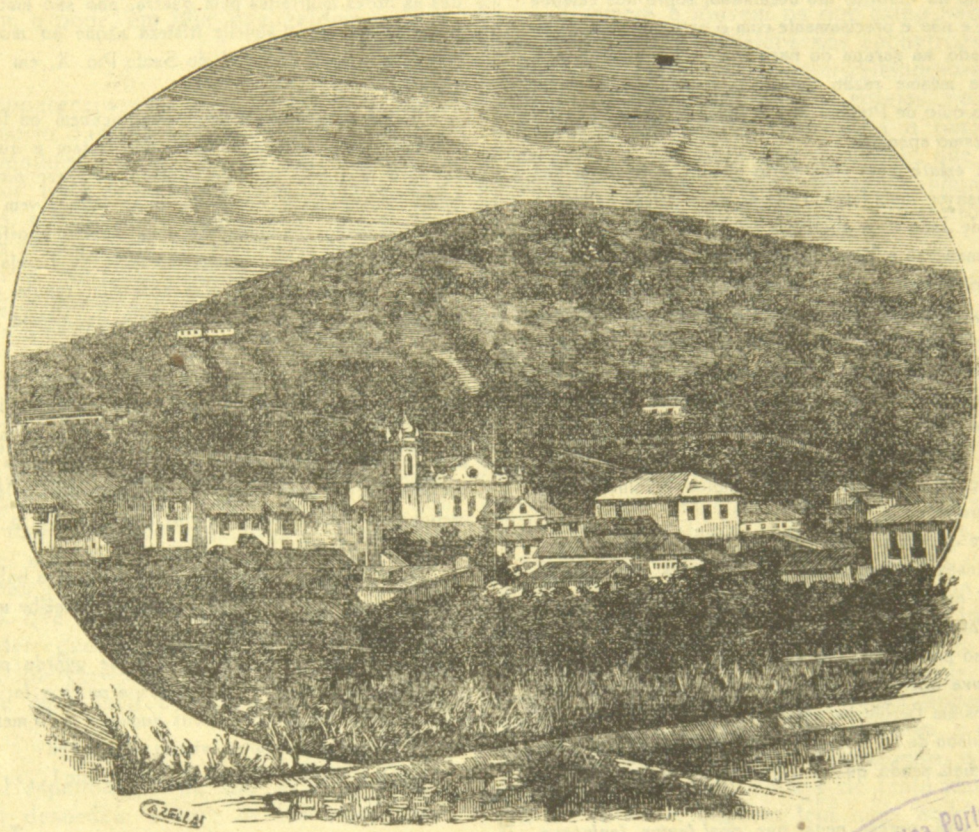
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

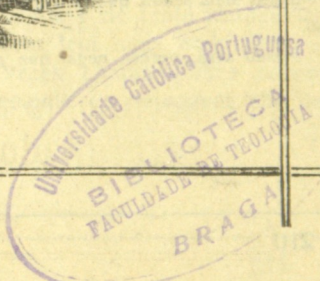
Braga, 5 de Outubro de 1918

Redacção, Administração e Typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 275—Anno VI



Villa Franca de Xira



**P**ERGUNTAS me assediam insistentes sobre se a paz virá, agora que de Vienna o barão Burián estende na nota ha pouco publicada o primeiro ensejo para os seus prodromos. Tenham paciencia os curiosos leitores, que lhes vou responder que não creio andar perto aquelle dia feliz, em que as gazetas do velho e novo mundo estamparão ao alto da primeira pagina, a grande nova que fará estremecer a alma das attribuladas nações. Vejo ainda longe o dia da paz, bem que a distancia não seja tanta como por ahí costumam pregoar os interessados nos chamados negocios de enriquecer de uma noite para um dia, ou em levar ao maximo da tenção o esforço e a capacidade de resistencia das nações. Deus escreve direito por linhas tortas, e é de supôr que os povos, reduzidos á *échafandage* do esqueleto, aprendam duramente quanto custa ser servo, perder o cunho nacional, servir os outros, esquecendo os proprios interesses e quiza a dignidade propria...

O vento da victoria, tão decantado, sopra nos campos da França, e não é precisamente com o archanjo dos triumphos montado na garupa do nariz que pode celebrar-se a paz, — pela mesma razão porque o senhor de Gramont explicava o odio de Pombal aos Jesuitas: o ter um acavalado no mesmo apendice.

A paz estará tanto mais perto quanto a feimosia dos gabinetes estiver mais fraca. Hoje as duas unicas columnas do templo de Jano tem abertas a cinzel nos capitais as caras de Clémenceau e Loyd George. Um velho politico o nosso compatriota que conhece a politica franceza como as suas mãos ou como outr'ora, em dias de fastigio, conheceu nos bastidores do paço regio as secretas molas da governança nacional, cortava que fora Clémenceau quem ha poucos mezes sustivera o seu collega britannico ameaçando o gabinete de Saint James com uma paz em separado.

A paz por emquanto só tem servido para estas ameaças... de guerra, ou para atear incendios revolucionarios como na Russia.

Sempre que de simples arma mortifera a querem fazer tornar no instrumento christão da felicidade humana, os chanceleres aprumam-se, tosseem, franzem o sobrolho e denunciam o novo perigo, reeditando um d'aquelles grandes *bluffs* em uso permanente nas altas espheras da diplomacia: — a *offensiva allemã... da paz*, não hesitando em dar como filiados em Berlim os apresentantes de propostas, seja elle o Wilson de ha tres annos, seja o Pontífice da Igreja, e muito mais sendo qualquer palavroso tyranno *bolcheviski*.

Mentir será, porém, negar que *post tantos, tantosque*

*labores* o militarismo politico curvou já a cerviz, já abrandou nas exigencias. De lado a lado as reclamações vão-se cingindo á realidade do razoavel. O barão austriaco salienta-o por forma irrespondivel, e logicamente, como catholico e chanceler d'um grande imperio catholico, por meio de um appello especial ao infatigavel zelo de Bento XV, sobe pôr indirectamente em destaque a confinação actual e futura, d'essa plataforma branca de concordancia entre todas as reclamações dos belligerantes, com as clausulas da proposta pontificia de ha dois annos, dentro de cujo amurado vive a unica possibilidade de paz no mundo.

Ainda que a Italia ou o *curriculum* maçónico da rua Valois parisiense, impeçam que um diplomata pontificio se assente ao lado dos representantes das potencias á meza das discussões finais, a paz do Direito, a ser pactuada, equivalerá em rigor, a uma victoria d'aquelle que primeiro e insophismavelmente a proclamou erguida na Cruz: o Papa, — assim como todos os chóros, todas as queixas, todas as dôres motivadas pela guerra, não são mais do que o desdobramento d'aquella tristeza *usque ad mortem* que arregoou a alma ineffavel do Santo Pio X, em julho de 1914!

Resta apenas que d'isto mesmo acabem os factos por convencer desambigões coroadas que luctam e que cessem da parte d'ellas o irritante prurido de fazer *picardias* á Santa Sé, do jeez d'aquella que o sr. Pichon vem de fazer a despropósito da nomeação d'um nuncio apostolico em Pekin, que o governo francez, separado da Igreja, inimigo d'ella, e as relações cortadas com ella, reputa offensivo dos privilegios de protecção aos fieis da mesma Igreja e por esta concedidos n'outro tempo!...

Eis uma outra conclusão a tirar: — a de que ha uma razão directa interligando a paz europeia á paz religiosa.

Não vale mais a pena pensar em todos estes problemas do que despejar cartas anonymas, insultuosas d'aquelles que sabem o que estão a fazer e mandados pela justiça, reconhecerem o alto valor d'um prelado como foi o fallecido Bispo do Porto?

Pois fiquem os leitores sabendo que está a babujar em redor do pequeno e humilimo tumulo em Remêlhe um lamagal de raivas de esterquilíneo.

São d'isso prova dez cartas que guardo preciosamente no meu *dossier*, e que vindas a publico fariam passar bem mais bocados aos seus auctores, pelo menos.

Já lá bradava o outro, virado para o céu:

— O' Christo! vinde cá abaixo vêr isto!...

F. V.



Por J. de Faria Machado.

## D'Hespanha.

**Q**UANDO ha dias transpuz a fronteira para uma curta jornada de prazer — que vezes varias a transpuz para longo e amargo estadio d'exilado — experimentei n'um intimo alvoroço, a mesma grata impressão sentida sempre que transpomos os humbraes d'um lar feliz. Como quem sahe d'alsurja onde a desordem reina e penetra na casa caiada onde a felicidade habita, eu deixei este velho Portugal, bello mas desgraçado, grande mas colhido de desvario, esta terra excellente e boa, que sete annos de pavorosa anarchia social e politica converteram n'um inhabitavel paiz onde por força do adagio já todos ralham porque não ha pão. E assim, cruzando a primeira estrada extranha que deslisa tranquilla como um rio manso, por entre o verde festivo da Gandra de *Godim*, recompunha evidentemente os meus receios e as minhas incertezas como quem sahe da inferneira d'uma desordem, e pode, em boa paz, relomar o seu caminho.

Desapparecera esta atmospheria de pânico, este scenario d'incertesa que nos envolve como as malhas cruéis, d'uma rede de duvida, e por toda a parte, já nos lares e nas pousadas, nas phionomias e nos campos ferreiros, uma viva alegria se espalhava como desmentindo a *murriña* gallega da tradiçãõ — uma alegria que não é o resultado d'um alvoroço mas a expressão fiel d'uma confiança manitestia.

E como garantia d'esta boa ordem aqui e além passava severa a *Benemerita*, demonstrando que tudo aquillo cruzava sereno e confiado sob os auspicios das leis. Para nós que temos o maior *stoc* de leis, que por esse mundo existe, mas que possuímos tambem o inveterado mau habito de não cumprir nenhuma, para nós, que temos vivido ao arredo da lei n'este interregno de desvarios, que já dura demasiado, interessa-nos particularmente toda a vida que gira facil e serena sob o imperio da lei.

Em Hespanha vive-se sob a lei. O menor rebate de desordem é logo severamente suffocado, mas como nada falta, como a vida se não aggravou, como os generos abundam e a lucta politica serenou, mercê do patriotismo dos

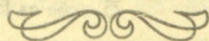
seus *prohombres*, a nação tambem não supplica nem reclama. A meio da estrada, em frente d'uma casa apalaçada, aglomerava-se copiosa multidão, muito serena, enfileirando grave n'uma linha caprichosa que se alongava e dir-se-hia que aquella gatinha de Deus se entregava ao folguedo de jogar a bicha, muito em voga n'aquella região. E como não resistisse á curiosidade de perguntar, vim a saber que se tratava de repartir um legado do *mayoraso* d'aquella casa, que annualmente cbrigava a vestir duzentos necessitados. Pois pasmem, amigos leitores, da ordem com que toda aquella gente esperava a sua vez, sem se adiantar, sem se intrometter, resignada da sua situação, esperando pacificamente o seu momento, e dando aos olhos do estrangeiro maravilhado um alto e nobre exemplo de educação e disciplina social.

Pasmem e louvem os que estão habituados a vêr como nós vivemos aos encontrões, como andamos eternamente acotovellando-nos, empurrando-nos á sahida das egrejas, nas repartições e nos theatros, por toda a parte onde se junta e aglomera uma multidão, que já com tendencias para a desordem, sem nenhuma educação civica a republica tem desvairado e subvertido!

E assim como o bom povo hespanhol espera *sutraje* ás portas infançonas do solar, os governos esperam tambem, sem precipitações nem attrictos, o momento historico do seu triumpho.

Povo essencialmente entusiasta — cada hespanhol tem em si a alma d'um Quixote — soube como nenhum outro reprimir os seus entusiasmos, calar as suas predilecções, e poupar-se, sabendo crear uma situação commercial unica, o desastre inevitavel d'uma guerra onde ninguem o chamava e onde não tinha que fazer. Assim serena, resignada, fruindo os beneficios d'uma neutralidade intelligente, servindo todos e não servindo nenhuns, sugando de todos o maior lucro espera tambem a sua vez d'exigir, o seu momento d'imposição, o premio justo de tanta habilidade e de tanta prudencia. E no entanto ninguem tem mais ambições...

Nós, algumas vezes chamamo-lhes selvagens.... Evidentemente os selvagens são os hespanhoes.





DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

LVI

## Diccionario enygmatico



CONTINUAM as minhas fêrias, continuam sus-  
pensos os narizes, continuem os subsidios  
para o dictionario enygmatico portuguez. Já  
recebi, louvado seja o Senhor, valiosa con-  
tribuição de um grande amigo d'esta revista.  
Mas por enquanto seguem os meus.

## C

Que é o que no monte nasce  
E que no monte se cria,  
E quando vem para casa  
Faz mais pena que alegria?

## P

Tenho um genio esquisito  
Difficil de contentar,  
Para andar poem-me capa,  
Tiram-me a capa para andar.

Com capa não ando nada  
Mas sem ella tambem não,  
Durmo e resono se ando  
Se acordo caio no chão.

As decifrações d'estes e dos que já saíram irão por  
junto n'um dos proximos serões. Nova serie:

## I

Sou a muitos odioso,  
E estes mesmo me procuram:  
Para me verem de perto  
Os seus engenhos apuram,  
Todos me desejam ver,  
E dão de morte a sentença.  
Para sempre comer carne  
Necessito de dispensa,  
Entro e saio em muita parte  
Sem fazer maior motim.  
Estima-se o meu algoz  
Por se sustentar de mim.

## II

Sou uma pobre envergonhada  
Em qualquer canto mettida  
Trabalhando noite e dia,  
E do trabalho que faço  
Inda curo alguma fridea;  
E ainda ha quem de mim diga,  
Sem compaixão, nem vergonha:  
Fugi d'ella: tem peçonha.

## III

Nós nascemos femes e macho  
Com cautela e estimação.  
Porém eu nasci primeiro  
Que nascesse meu irmão.

Curado de meus achaques  
Adquiro fama enorme (1)  
Mas tenho um inimigo  
Que me persegue e consome.

Meu irmão, quando mais novo,  
Mais seus amigos conforta.  
Nossa mãe sem este filho  
Esmorece e fica morta.

(1) Por agora registó, sem corlar pés, nem os acrescentar onde  
faltam, nem valer á rima.

## IV

Duas irmãs muito unidas,  
Vivem, mas sem que se caseem.  
O seu trabalho é fazerem  
O que as más linguas nos fazem.

São agudas e valentes  
Tem em toda a parte entrada,  
E são por pobres e ricos  
Muitas vezes procuradas.

Aproveíam, desperdiçam  
Tudo quanto vão fazer,  
Pois que os dedos pelos olhos  
Todos lhe querem metter.

## V

Sem ser aranha nem rate  
Ver-me-hão em qualquer canto.  
Eu tenho entrada no ceo  
Sem ser anjo nem ser santo.

Sem mim não ha nenhum homem.  
Nem barbeiros, nem pintores.  
Vês-me em todos os droguitas,  
E sempre, sempre entre flores.

Em muita parte me vêem,  
Sou bem facil de encontrar.  
Morada tenho em Lisboa  
D'ra quem me fôr procurar.

Acham-me uma vez no anno.  
Uma vez! quem tal diria!  
E fiquem todos sabendo  
Que ninguém me vê no dia.

## VI

Nós somos ambos irmãos  
E da mesma geração.  
Sempre, sempre vou á missa  
E não vae lá meu irmão.

Para todos os banquetes  
A mim me convidarão.  
Para gostos e guizados  
Falleem com meu irmão.

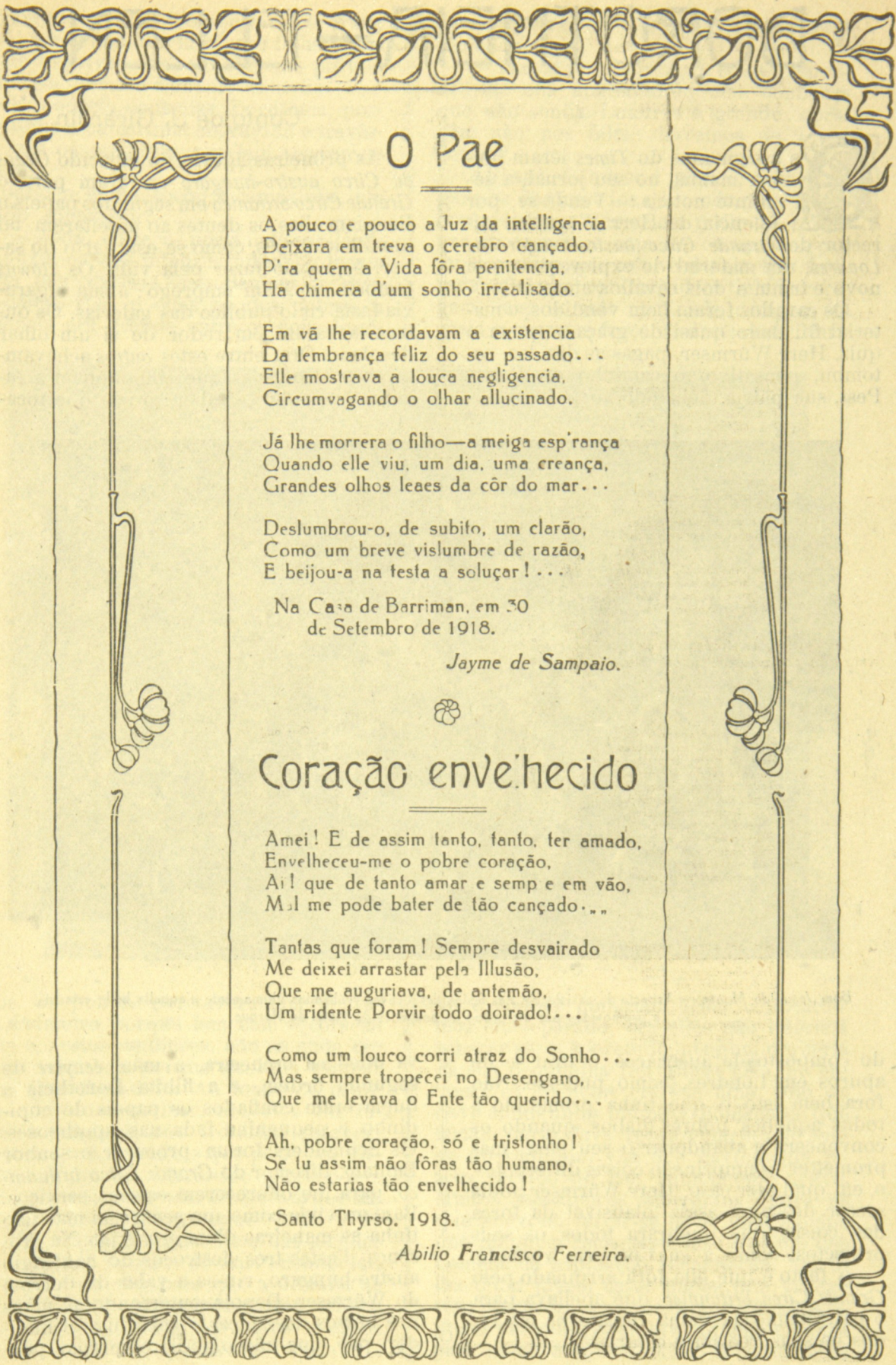
## VII

Sem ser rosa tenho espinhos,  
Tenho fios sem ser teia;  
Posso supprir por parede  
Sem ser cal, pedra ou areia.

Conservo prestimos grande  
Para coisas delicadas,  
Que já foram muito moda  
E hoje são pouco usadas.

Pelos ladrões sou temida  
E meu dono em mim descansa:  
Quando me vejo mais velha  
Tenho commigo uma lança.

Continuarei. Pessoa que não ponderou bem o que  
pretendo ao compilar este *Diccionario* indicou-me a vas-  
tissima collecção do *Almanach de Lembranças* onde tenho,  
diz, *uma inexaurível collecção de charadas, logogrifhos,*  
*enygmas,* etc. Alguns alli haverá, neste ingenuo gosto popu-  
lar que procuro; mas poucos, se hei-de ajuizar por dois an-  
nos que tenho á mão. Lá, busquem os auctores as difficul-  
dades, suppondo nos leitores adultos cultura para as vencer.  
Aqui, ao menos, procura-se a singeleza que não descoro-  
ção os Edipicos de calção e peúgas, a que se destinam.



## O Pae

---

A pouco e pouco a luz da intelligencia  
Deixara em treva o cerebro caçado,  
P'ra quem a Vida fôra penitencia,  
Ha chimera d'um sonho irrealizado.

Em vã lhe recordavam a existencia  
Da lembrança feliz do seu passado...  
Elle mostrava a louca negligencia,  
Circumvagando o olhar allucinado.

Já lhe morrera o filho—a meiga esp'rança  
Quando elle viu, um dia, uma creança,  
Grandes olhos leaes da côr do mar...

Deslumbrou-o, de subito, um clarão,  
Como um breve vislumbre de razão,  
E beijou-a na testa a soluçar!...

Na Casa de Barriman, em 30  
de Setembro de 1918.

*Jayme de Sampaio.*



## Coração envehecido

---

Amei! E de assim tanto, tanto, ter amado,  
Envelheceu-me o pobre coração,  
Ai! que de tanto amar e semp e em vão,  
Mal me pode bater de tão caçado...

Tantas que foram! Sempre desvairado  
Me deixei arrastar pela Illusão,  
Que me auguriava, de antemão,  
Um ridente Porvir todo doirado!...

Como um louco corri atraz do Sonho...  
Mas sempre tropecei no Desengano,  
Que me levava o Ente tão querido...

Ah, pobre coração, só e tristonho!  
Se tu assim não fôras tão humano,  
Não estarias tão envelhecido!

Santo Thyrso. 1918.

*Abilio Francisco Ferreira.*

# DOROTHEIA — ELLEN

Conto de J. Girardin.

Os assignantes do *Times* lêram n'uma manhã, no seu jornal, a seguinte noticia: «Vende-se, por falencia de Herr Würmser, director do *Grande Circo austro-hungaro de Londres*, um material de exploração quasi novo e trinta e dois cavallos amestrados.»

Os cavallos foram bem vendidos, o material foi dado quasi de graça a quem o quiz. Herr Würmser, pagas as dividas, retomou, pensativo, o caminho de Buda-Pest, sua patria, deixando ao pessoal, to-

As primeiras figuras do fallecido *Grande Circo austro-hungaro* entraram para o *Grande Circo britanico* em segundos papeis. Rangiam ellas os dentes ao acceitarem tal humilhação mas, como se está farto de saber, é preciso fazer pela vida. Os *clowns* tambem toparam emprego; a sua algaravia fazia rir o publico das galerias. Os outros lançaram em redor de si um olhar desolado. Ora, entre estes outros achavam-se as tres pessoas que compunham a familia Schneider, a saber: o pae que toca-



Bom Jesus do Monte — Aspecto da assistencia nas festas desportivas realisadas ultimamente n'aquella bella estancia e promovidas por um grupo de hospedes do Hotel do Parque.

do composto de austriacos, o tirar-se de apuros em Londres, como pudesse. Não fora bem isto o que tinha prometido a todos aquelles pobres diabos, quando os convencera a abandonar o seu paiz; mas prometter e cumprir são coisas differentes, e, em qualquer caso, Herr Würmser podia saecar desculpa assaz plausivel da força das coisas que quebrara todos os seus projectos, como a sua propria vontade.

O facto é que elle fôra arruinado pelo *Grande Circo britannico*, que appellava para o patriotismo da velha Inglaterra, em todos os seus reclames e cartazes.

va oboé na orchestra, a mãe *écuyère* de segunda ordem, e a filhita Dorotheia a quem eram confiados os papeis de cupidinho e pequenina fada nas apothéoses. Os Schneiders foram procurar o senhor Bantam, director do *Grande Circo britannico*, para lhe offerecerem os seus serviços. Bantam vivia como um *gentleman* mas não tinha as maneiras d'um *gentleman*. Na presença d'estes tres destroços do naufragio austro-hungaro, riu-se a valer da derrota de Würmser. Depois, enterrando as mãos nos bolsos das calças, declarou a Schneider, pae, que não o podia empregar por-



que precisava d'um trombone e não d'um oboé; e a Schneider, mãe, que tinha o péssimo de se privar dos seus serviços porque a achava demasiadamente murcha.

Só poderia contratar Dorotheia, porque tinha uma carinha engraçada e travêssa; mas os pais não queriam separar-se d'ella.

Bantam, então, tocou a campainha, um criado appareceu:

— John, abre a porta! disse. John, conduziu os tres infelizes e fechou-lhes a porta nas costas. Como Bantam morava no bairro rico, e elles no dos pobres, a distancia era grande entre os dois domi-

— Que vamos nós fazer? disse elle á mulher.

— Vamos procurar outra coisa, respondeu-lhe ella aparentando uma confiança que não sentia. Londres é grande; coragem não nos falta: havemos de a encontrar.

Ah! sim, Londres é grande, sobretudo para os desgraçados que andam ao Deus-dará desde que desponta o dia até que o gaz se acende, á cata de occupação, por mais penosa que seja, contanto que honrada. Ah! sim, os Schneiders tinham coragem, mas a mais obstinada coragem se gasta e enerva á força de decepções. Mari-



Bom Jesus do Monte — Corridos de arcos. Esperando o signal da partida.

lios. Os pobres percorreram-na de vagar. Primeiro porque iam com o coração triste e, nestas condições, não se ainda depressa; segundo porque queriam poupar a sua Dorotheiasinha. Ao longo do caminho, marido e mulher, absórtos em inquietos pensares, não trocaram palavra; fez cada qual, porém, o que pôde por distrair a pequenita e fazer-lhe parecer menos comprida a estrada. Chegaram por fim á casinha que era o seu *home* e o havia de ser por oito dias ainda. Uma das janellas dava para o Tamisa. A Snr.<sup>ta</sup> Schneider, levantou a vidraça para que a filhinha se distraisse a vêr os barcos, e veio sentar-se ao lado do marido que fitava os olhos com um ar de desesperado!

do e mulher poderiam achar collocação; mas em separado, ora elles não queriam separar-se, e, sobretudo, nenhum o queria da sua pequenina Dorotheia. Esta, no entanto, só de nome era sua filha. Oito ou nove annos antes um circo nómada de que faziam parte dava representações ao longo do Danubio. Um dos navios que fazem serviço no rio, subitamente ardeu. Muitos passageiros morreram. Entre os que poderam salvar-se havia uma menina que ninguem reclamava, mas que um dos homens da tripulação reconheceu. Era filha d'um jôvem casal inglez que viajava com numerosos criados. Amos e criados tinham perecido, só restava aquella criança cujo nome ninguem sabia; e como fosse

levada para o albergue onde moravam os Schneiders, a Snr.<sup>a</sup> Schneider, por piedade e animo bondoso, occupou-se d'ella, creou-lhe afeição e, como não tinha filhos acabou por a adoptar.

Quando os Schneiders eram novos faziam projectos sobre o futuro, mutuamente se haviam promettido dar o nome de Dorotheia, que era o da Snr.<sup>a</sup> Schneider, a sua primeira filha, e como esta não veio, deram-no á sua adoptiva.

Se Dorotheia tivesse o character, menos altivo seria perfeita. Mas cada qual tem seus quês e, por vezes até, graves defei-

der declarou que a pequerrucha seria *écuyère*.

Na verdade costureira agradava-lhe mais, mas a Sr.<sup>a</sup> Schneider pouco sabia coser e é bem difficil ensinar o que se não sabe. Por outro lado, como pôr a aprendiz uma creança de quem por preço algum se quer separar, quando se anda de cidade em cidade e de terra em terra? E eis aqui como Dorotheia chegou a desempenhar os papeis de cupidinho e pequenina fada nas apothoses. Se os Schneiders amassem egoistamente Dorotheia, teriam pensado em guarda-la junto



Bom Jesus do Monte — Comissão organisadora das festas desportivas.

(Clichés da phot. Belleza).

tos. Tal como ella era a Snr.<sup>a</sup> Schneider reputava-a uma perfeição e o marido era sempre da opinião da mulher.

Ambos, que não eram aguias, educavam Dorotheia o melhor que podiam, isto é, christã e honestamente. Preocupavam-se muito com o seu futuro e preparavam-lh'o á medida dos seus recursos e das suas forças. Em primeiro lugar era preciso pô-la em estado de ganhar o pão de cada dia quando lhe faltassem. O Snr. Schneider gostaria bem de fazer d'ella uma musica distincta; mas como elle só tocava oboé e este não é instrumento para mulheres, era preciso pensar n'outra cousa. Foi então que a Snr.<sup>a</sup> Schnei-

de si para sempre. Mas como a amavam por ella mesma muito mais do que por causa d'elles, queriam poder tornar a entrega-la á familia; e fôra mesmo este escrúpulo de honestidade e de consciencia que os decidira a vir á Inglaterra no séquito do eminente Würmsér.

Cada vez que Dorotheia apparecia na pista, em traje de amor ou de fada, os paes adoptivos esperavam vêr um *lord* ou uma *lady* levantarem-se bruscos e exclamarem: «E' minha neta!» ou «é minha sobrinha!»

Por sua parte temiam-no, por causa d'ella desejavam-no. Mas tão dramaticos reconhecimentos só se produzem nos ro-

mances ou nas peças de theatro. Würmser abrira fallencia sem que o mais pequeno *lord* ou a menor *lady* estendessem os braços para Dorotheia.

Após uma semana de corridas e tentativas inuteis, o pobre Schneider voltou

— Além d'isto, accrescentou a *Snr.<sup>a</sup>* Schneider, a primavera começa, os campos estão lindos, e o bom ar fará bem, como a marcha, á pequenita!

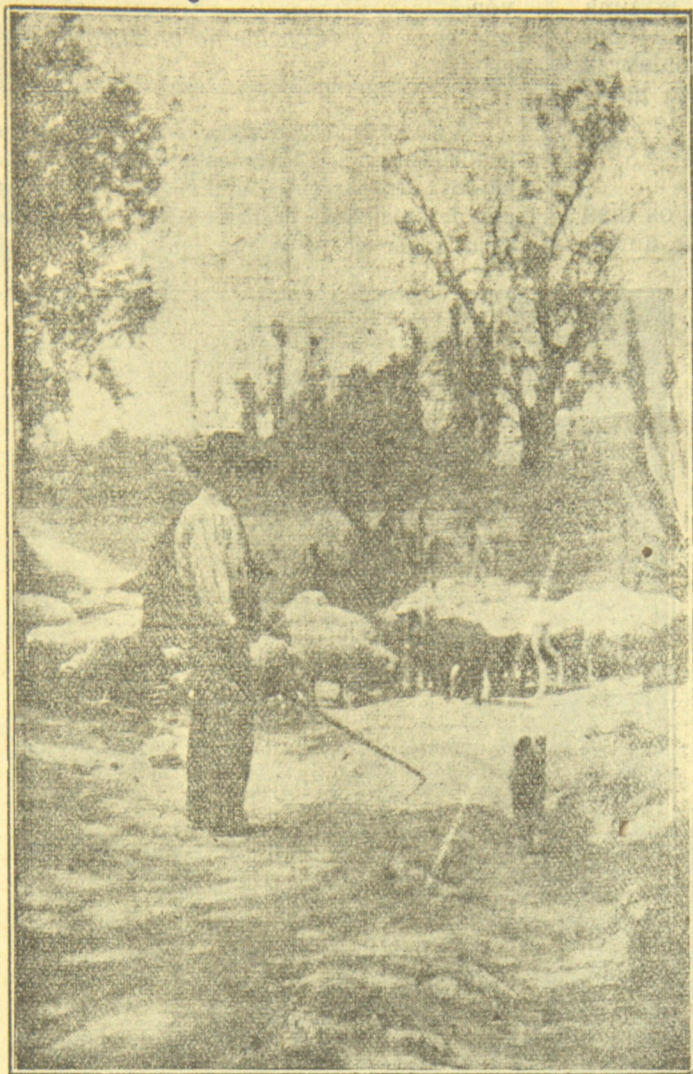
Sim, a primavera começava, sim os campos estavam lindos! mas os lavradores eram tão grosseiros, tão desconfiados, e, sobretudo, tão avaros dos seus *pence*! A policia rural tinha tantos preconceitos contra os estrangeiros em geral e contra os musicos ambulantes em particular. Para ella todos eram ladrões de gallinhas ou, peor do que isso, raptadores de creanças.

Era de vêr o ar com que os *squires* mediam d'alto a baixo os nossos pobres amigos, do cimo do seu cavallo, que tinha avoengos, exactamente como quem o montava, é clarissimo. E os guardas, mesmo sem avoengos, com que brutalidade lhes prohibiam que se assentassem na relva de *milord*, que descançassem á sombra das grandes arvores de *milord*, que não pisassem com os seus sapatos cheios de pó os dominios de *milord*!

Mas no fim de contas os campos estavam lindos, e o sol do bom Deus que tanto aquece os humildes como os soberbos, penetrava com sua doce influencia o coração dos nossos conhecidos. Quando estavam sós em pleno campo, quando não havia á vista nem *squires* desdenhosos nem guardas brutos, nem caseiros trocistas, desatavam a lingua, conversavam alegremente, e, por vezes, chegavam a cantar alguma ballada allemã, por prazer seu e das avesinhas.

A primavera já passara ha muito tempo, o verão não era mais que uma recordação passada, o outomno depois de ter amarellecido e avermelhado as folhas, soprava juncando d'ellas a terra. E os nossos amigos lá iam sem saberem bem para onde.

Agora a sua ideia fixa era abandonar a Inglaterra antes do gelo e das nevadas. Vintem a vintem, haviam accumulado, á força de economias, a somma que representava a passagem de Douvres a Calais. Haviãmlhes dito que em França o povo era menos secco que na Inglaterra, que os camponeses francezes e sobretudo os operarios gostavam de musica e



○ rebanho.

uma tarde sem coragem nem forças. Dorotheia deitára-se e dormia. A senhora Schneider recebeu seu marido de sorriso nos labios.

— Lembrei-me d'uma coisa, disse-lhe ella; se aprovas a minha ideia, poderemos ganhar honestamente a nossa vida sem nos separarmos. Quem nos impede de ir, de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, tu a tocares oboé, eu guitarra e a pequena tambor de rufo?

— Sósinho nunca seria eu capaz de o descobrir, disse singelamente o marido. O facto é que tu d'antes tocaste guitarra e que a pequena tem o senso do rithmo.

não eram tão avaros das suas poucas moedas. Uma vez no continente, e em pequenas jornadas, poderiam alcançar Vienna, e talvez lá encontrassem emprego n'algum circo. Em todo o caso estariam no seu paiz e comprehenderiam o povo, que os comprehendria tambem. Isto é já uma grande consolação. Os Schneiders com effeito, apenas sabiam algumas palavras de inglez, se bem que houvessem habitado em Londres, durante perto de dois annos. Só Dorotheia fallava o inglez correctamente.

O inverno vinha perto. Todos os dias um vento agréste e duro soprava, amassando sobre o chão as hervas meio-seccas, silvando nos ramos despidos das arvores, esfarrapando com violencia o esfumaçar das chaminés, e inteiriçando até á medula dos ossos os tres inditosos peregrinos. Haviam elles caminhado uma grande parte do dia quando chegaram ás margens d'um ribeiro. Bem olharam para cima e para baixo, tão longe quanto seus olhos podiam alcançar, mas não havia ponte de passagem, e achavam-se fatigados, faltos de comida, tristes até ao fundo da alma; para cumulo de infelicidade, o tempo ameaçava chuva.

Viram por fim uma mulher da região e Dorotheia explicou-lhe os embaraços em que se encontravam. A mulher mirou-a com desconfiança e perguntou-lhes se tinham dinheiro; se não, aconselhava-os a que subissem o ribeiro mais umas quatro ou cinco milhas até a um sitio onde topariam uma ponte; se sim ella os passaria no barco a tanto por cabeça. Tinham dinheiro, e ella conduziu-os a um sitio onde um barco se occultava entre juncos e canaviaes. Ao cabo de dez minutos depô-los na outra margem indicando-lhes que seguissem a direito para a frente atravez dos campos; haviam de chegar a uma aldeia que nomeou.

Achava se, porém, em tão crueis embaraços como antes. A planicie raze estendia-se a perder de vista; de longe a longe enxergavam-se miseraveis cabanas mas nem sequer a apparencia d'um povoado ou caminho. O pobre Schneider já

tinha levantado a gola de sobretudo, abrigado a mão esquerda na manga direita e a direita na manga esquerda para vêr se as aquecia. A brisa do ribeiro fazia fluctuar as abas do seu casacão; o velho tremia e olhava deante de si sem nada vêr.

(Conclúe no proximo numero).

A Illustração Catholica querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus ex.<sup>mos</sup> assignantes, colla-



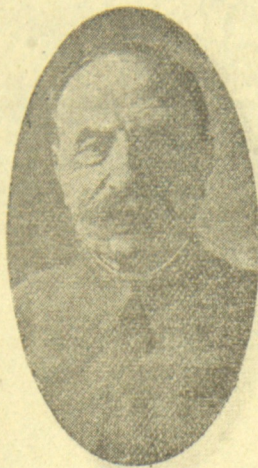
Lavadeiras no Mondego.

boradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias d'estes heroes as suas fotografias para aqui serem publicadas em logar proprio.

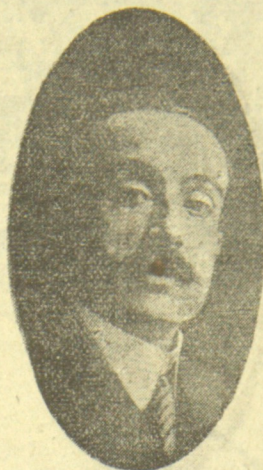
Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.



# Guerra europeia



O Marechal Foch,  
glorioso commandante das forças aliadas  
em França.



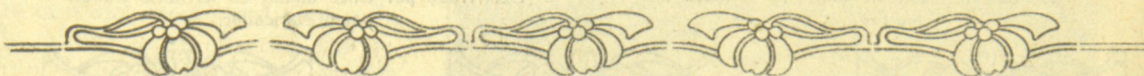
M. Malvy  
Desterrado por cinco annos do territorio francez  
por prevaricador.



Soldados ingleses disparando uma metralhadora contra um aeroplano na presença de varios jornalistas que visitam o front.



Infermeiras e soldados examinando os restos de um aeroplano cahido perto d'um hospital inglez.



Soldados occupados na construcção de um caminho de ferro perto da linha de fogo.

Biblioteca Regional de Brasília  
Biblioteca  
Gerais  
1964

# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29      Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA,**

**Casa fundada em 1888**

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp.*

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior.*

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

## Vago

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grêves, e tumultos em mobilias e edificios particulares, segura a Companhia  
*Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Sede — Lisboa Largo S. Julião  
10-2.º — Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:  
C. 2657 Banqueiros: Pinto & Sol-  
o-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas  
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha  
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

## Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotais.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ovidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa  
Numero avulso 300 rs. (moeda brazil lra)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Cívics, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

*Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia e vapor, denominada dos "Molhos do Minho", e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo Escriptorio ao

P.<sup>o</sup> Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**